

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2014v16n2p195>

SAEZ, Oscar Calávia. **Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de métodos, técnicas e teses em antropologia.** Ilha de Santa Catarina (publicação virtual): Edição do autor, 2013.

Isabel Santana de Rose¹

UFMG

E-mail: belderose@gmail.com

A proposta do livro de Saez é servir como uma espécie de “guia de viagem” para os antropólogos iniciantes, principalmente para aqueles que “[...] empreendem a excêntrica tarefa de elaborar uma tese em antropologia” (Saez, 2013, p. 13). Como aponta o autor, muitas vezes este processo é árduo e solitário, repleto de angústias e crises existenciais, e pode mesmo chegar a ser vivido como um “episódio de aflição” (Saez, 2013, p. 8). Desse modo, esse manual também é uma espécie de “livro de auto-ajuda” (idem), procurando fornecer dicas para os estudantes com base nos muitos anos de experiência de Saez, tanto como aluno quanto como professor.

Logo na introdução, ele indica suas afinidades teóricas com a antropologia simétrica, antropologia pós-social ou teoria ator-rede. No Brasil, esta corrente teórica é representada principalmente por Eduardo Viveiros de Castro e Marcio Goldman; é marcada pelo diálogo com três autores centrais – Bruno Latour, Roy Wagner e Marilyn Strathern; e encontra-se vinculada a Rede Abaeté de Antropologia Simétrica, criada por Viveiros de Castro e Goldman (ver, entre outros, Viveiros de Castro; Goldman, 2006; 2012). De acordo eles, essa rede propõe conectar pessoas que vivem em diferentes lugares e trabalham em instituições distintas, visando ao ambicioso objetivo de “ajudar a reinventar a antropologia” (Viveiros de Castro; Goldman, 2012, p. 422)². Um dos pontos centrais nessa proposta está no questionamento

de como levar a sério outros mundos, exercício que passa, em grande medida, por repensar a forma como eles são descritos. Colocam-se em cheque, assim, noções como sociedade, natureza e cultura, que orientaram o projeto da antropologia por um longo tempo. (Viveiros de Castro; Goldman 2012)

Apesar de se não propor a discutir essas teorias recentes, as ideias que orientam esta proposta se refletem ao longo de todo o livro de Saez. A ênfase em conceitos como *rede* e *simetria*, que vem principalmente de Latour, de certa maneira já se encontra presente na própria proposta (louvável) de produzir um livro virtual, de acesso livre e aberto. A publicação virtual também está ligada a uma crítica a atual lógica das editoras, e da corrida pela publicação no âmbito acadêmico. Esse é um dos temas que Saez problematiza no livro, chamando atenção para o efeito dos instrumentos de avaliação amplamente empregados nas universidades atuais, e largamente baseados em critérios quantitativos, como é o caso do *lattes* e do *datacapes* (Saez, 2013, p. 90-92). Junto com isso vem o questionamento do incentivo ao produtivismo acadêmico, sendo que o autor destaca que a produção acadêmica deixa de ser um resultado da pesquisa e passa a constituir uma condição de seu desenvolvimento. (Saez, 2013, p. 92)

Para além das crises vividas pelos antropólogos em processo de tese, Saez aborda também as crises de identidade da própria antropologia, um tema já clássico, especialmente em trabalhos sobre metodologia de pesquisa.³ A discussão sobre as crises de identidade da antropologia (crise de autoridade; de objeto; de representação) se direciona para como estas alimentam a disciplina, e se desdobra em uma série de perguntas, que são colocadas separadamente ao longo da primeira parte do livro: *Antropologia é ciência? Antropologia é literatura? Antropologia é história?* Como pensar a relação entre *antropologia e filosofia* e entre *antropologia e etnografia*.

No debate sobre a primeira dessas perguntas – *antropologia é ciência?* – Saez, dialogando principalmente com Popper, Wittgenstein e Kuhn, chama a atenção para a variabilidade do conceito de ciência (Saez, 2013, p. 24). Uma dos temas levantados aqui é a separação entre ciências humanas e ciências naturais, separação que, para o autor,

precisa ser atualizada. Além dos autores clássicos citados acima, os diálogos também incluem nomes mais recentes como Latour John Law. Este, em particular, levanta questionamentos pertinentes sobre a noção de ‘real’ (a ‘realidade’ dada, existente ‘logo ali’; explícita, externa e estável), pressuposto central da visão positivista de ciência e que, para Saez, tornou-se obsoleta. (Saez, 2013, p. 28)

A discussão sobre se *antropologia é literatura* remonta aos debates da chamada antropologia pós-moderna do final dos anos 1980, e também a questões mais recentes colocadas por autores como Marilyn Strathern sobre a importância da descrição e suas implicações (Strathern, 1999). É neste sentido que, mais adiante, ao discutir qual deve ser o lugar da teoria na pesquisa, Saez ressalta que *teoria e descrição não podem e não devem ser separadas*, ponto que eu considero como uma das contribuições centrais do livro. Para Saez (2013, p.70), a teoria é “um modelo da/para a descrição”. Isso implica que, muito mais do que estar presente em lugares específicos e predeterminados do texto, a teoria deve estar presente na própria descrição, informando e organizando-a de maneira implícita.

Saez dialoga de maneira crítica com o conceito de descrição densa proposto pelo filósofo Gilbert Ryle e popularizado na antropologia por Clifford Geertz. Para ele, primeiramente, a proposta da descrição densa não seria tão inovadora assim, pois outros autores como Evans-Pritchard também haviam escrito monografias baseadas na interpretação e na descrição, como é o caso de seu trabalho clássico *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Mais do que isso, porém, Saez considera que o principal problema na proposta de Geertz está em estabelecer um vínculo entre a densidade da descrição e a atividade interpretativa do autor; e propõe que devemos buscar outros modelos para a descrição densa, para além da conhecida narrativa sobre a briga de galos balinesa (Saez, 2013, p. 182). Esses elementos incluem a ênfase não nos termos em si, mas também nas relações entre eles;⁴ e a ideia de que “[...] a descrição etnográfica (ou a descrição científica em geral) parte do pressuposto de que a realidade descrita contém elementos ou relações *imprevistos*” (Saez, 2013, p. 185). Assim, para Saez (2013, p. 185), a descrição densa deve, acima de tudo, *produzir estranheza*, inclusive com relação as situações familiares.

Com base em Latour, e em contraposição a Geertz, o autor argumenta que não se deve pressupor que existam dois níveis de realidade ou de discurso: um superficial e outro mais profundo, um explícito e outro implícito; ou que a interpretação do antropólogo encontra-se num patamar ou nível de algum modo superior às outras interpretações (Saez, 2013, p. 187-188). Pelo contrário, todas as interpretações devem ser colocadas num mesmo plano e confrontadas visando, em última instância, produzir *alterações* nos nossos próprios conceitos e formas de descrever.

A noção de alteração tem um lugar central na proposta teórica da antropologia simétrica ou antropologia pós-social, e esse tema aparece ao longo de todo o livro de Saez⁵. Por exemplo, quando o autor está discutindo como elaborar um projeto de tese, e aborda separadamente cada um dos itens que costuma constituir o projeto (como o tema, os problemas de pesquisa, o objeto, os objetivos, entre outros), ele afirma que o objeto “[...] se situa nesse limite entre o mundo das descrições já feitas por outros cientistas e as *possibilidades de alterá-las*. O objeto é esse fragmento do discurso científico que pretendemos alterar com a ajuda de nossa experiência e nossa agudeza”. (Saez, 2013, p. 118, grifos nossos)

Mais adiante, a discussão é retomada no debate sobre a pesquisa de campo, o “episódio fundamental” para os antropólogos (Saez, 2013, p. 133). Segundo Saez, a valorização do trabalho de campo está ligado a um período da história da antropologia – a “antropologia moderna” – na qual esta procurou diferenciar-se da chamada antropologia de gabinete. Essa visão clássica da pesquisa de campo, difundida principalmente por meio de Malinowski e seu livro *Os argonautas do Pacífico ocidental*, pressupunha uma série de ideias como o da distância geográfica, da viagem e do encontro com o exótico (além da ênfase deste autor na importância do aprendizado da língua e na convivência intensa e por longos períodos de tempo como os nativos, para assim poder apreender e sistematizar sua ‘visão de mundo’). Retomando a discussão clássica de Roberto da Matta sobre transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico, Saez (2013, p. 135), aponta que as possibilidades de encontro com a alteridade não estão apenas na distância; pelo contrário, podem se dar nos lugares mais familiares

imagináveis, como por exemplo a sala de aula. Por outro lado, para o autor, isso não deve nos levar “[...] a anular as próprias premissas da antropologia, em particular a do valor cognitivo do encontro com o Outro” (Saez, 2013, p. 135). Ainda discutindo essa mesma fórmula, e, em especial, as dificuldades envolvidas em tornar o familiar exótico, Saez (2013, p. 138 grifos nossos) recomenda: “tente por todos os meios uma *percepção alterada* desse universo tão conhecido, e confie: o mundo é mesmo estranho quando se olha para ele com cuidado”.

Saez dedica uma grande parte do seu “guia de viagem” a discutir os pormenores envolvidos na pesquisa de campo, como entrevistas, diário de campo, e como lidar com os dados. Para o autor, o diário de campo é o elemento constitutivo de uma pesquisa etnográfica, chegando ao ponto de que “[...] uma pesquisa etnográfica sem diário de campo *não é uma pesquisa etnográfica*” (Saez, 2013, p. 165). Ele adverte enfaticamente contra o excesso de dados, potencializado em parte pelos meios digitais que facilitam o registro das informações, fazendo proliferar “[...] uma massa de dados intratável e afinal inútil” (Saez, 2013, p. 175). Em suma, Saez (2013, p. 178). relativiza a importância dada aos meios digitais de armazenamento de dados enquanto, por outro lado, ressalta a importância do uso do “método medieval” do papel e da caneta, ênfase que se relaciona ao vínculo entre a pesquisa e a atividade da escrita.

Com a atual multiplicação avassaladora de informações, em forma de textos, imagens, áudio, vídeos e outros, essa ressalva de Saez é de fato importante. Como adverte o autor, a grande quantidade de dados, registrados em diferentes suportes, por si só, não é garantia da qualidade do trabalho. Pelo contrário, pode mais atrapalhar do que ajudar. Ao mesmo tempo, e apesar de todas as novas tecnologias, a antropologia continua não podendo abrir mão de seus instrumentos fundamentais, como o diário de campo, a escrita e também a leitura de etnografias. Outra ressalva importante indicada por ele se direciona para certa tendência de textos confusos e, muitas vezes, ininteligíveis que assombra a antropologia brasileira contemporânea. Nesse sentido, o autor também adverte contra o uso de uma linguagem altamente especializada e recomenda a busca por uma linguagem comum. Para

ele, os pesquisadores jamais devem usar um conceito que não possa ser traduzido para outros termos mais compreensíveis; e as ideias devem ser expressas de modo claro. (Saez, 2013, p. 75-76)

Ao levantar e problematizar aspectos do fazer antropológico que muitas vezes não são discutidos de maneira sistemática, o livro de Saez constitui uma contribuição fundamental para a disciplina, não apenas para os antropólogos em formação ou que estão escrevendo teses. Ao mesmo tempo, como procurei indicar ao longo deste texto, o manual de Saez traz, muitas vezes de maneira implícita, uma série de discussões teóricas que são relevantes e que se orientam, em grande medida, para o projeto de reinventar a antropologia proposto pelos autores ligados à antropologia simétrica ou pós-social.

Notas

- ¹ Bolsista de pós-doutorado Cnpq
- ² Viveiros de Castro e Goldman afirmam que o nome Rede Abaeté é composto pela sigla da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e pelo sufixo de origem Tupi-Guarani *eté*, que significa verdadeiro, legítimo ou autêntico. Assim, inicialmente, o nome era uma espécie de brincadeira, vinculado a ideia de criar uma alternativa ‘verdadeira’ à antropologia praticada no âmbito da ABA, com a qual os autores encontravam-se insatisfeitos (Viveiros de Castro; Goldman 2012, p. 422). Eles afirmam que o termo tem, na verdade, várias conotações, mas, em suma, procura registrar sua insatisfação com a representação institucional da antropologia; ao mesmo tempo em que busca apontar novos rumos para a prática da disciplina. (Viveiros de Castro; Goldman, 2012, p. 424)
- ³ Outros trabalhos de autores brasileiros que trazem discussões sobre as crises de identidade da antropologia incluem os de Goldman (1999) e Peirano (1992).
- ⁴ Como indica o próprio Saez, esta proposta vem originalmente de Lévi-Strauss; entretanto, a ênfase nas relações entre os termos também é um aspecto importante da antropologia pós-social. No final do livro, ao propor um “mínimo manifesto por uma antropologia minimalista”, Saez (2013, p. 207) retoma esse tema, afirmando que “a antropologia é uma ciência dos possíveis humanos”; e que ela deve tratar das relações ou feixes de relações.
- ⁵ Viveiros de Castro (2002, p. 115) sugere aplicar a proposta de simetria de Latour à própria antropologia, enfatizando a importância de produzir uma “igualdade ativa” ou equivalência entre os discursos do antropólogo e do nativo. Um dos aspectos fundamentais na leitura que este autor faz da antropologia simétrica reside no *confronto* entre os pensamentos do nativo e do antropólogo, sendo que esse confronto “deve poder produzir a mutua implicação, a comum *alteração* dos discursos em jogo, pois não se trata de chegar ao consenso, mas ao conceito”. (Viveiros de Castro, 2002, p. 119, grifos nossos)

Referências

GOLDMAN, Marcio. **Alguma antropologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

GOLDMAN, Marcio; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Abateté, rede de antropologia simétrica. Entrevista com Marcio Goldman e Eduardo Viveiros de Castro. **Cadernos de Campo**, v. 14/15, p. 177-190, 2006.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Brasília: UnB/Série antropologia, n.130, 1992.

STRATHERN, Marilyn. No limite de uma certa linguagem (entrevista). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 157-175, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; GOLDMAN, Marcio. **Introduction to post-social anthropology**. Networks, multiplicities and simmetrizations. **Hau**, v. 2, n. 1, p. 421-433, 2012.

Recebido em 3/12/2014

Aceito em 9/12/2014